

# JESUS: SACERDOTE MISERICORDIOSO

## E FIEL (Hb 2,17)

Tomaz Hughes\*

### Resumo

*Este artigo primeiramente analisa a Epístola aos Hebreus como texto bíblico, na sua autoria, forma literária e conteúdo. É o único documento do Novo Testamento que fala de Jesus como sacerdote e sumo sacerdote. Porém esses atributos de Jesus são sempre ligados à sua vida e antes da sua glorificação. Embora outros textos bíblicos enfatizem a necessidade de um sacerdote ser puro e perfeito, Hebreus avança quando descreve Jesus como sacerdote “perfeito e misericordioso”. Essa qualidade de misericórdia na vida de Jesus se manifesta primeiramente na sua solidariedade com as pessoas, especialmente os sofridos e pecadores. O autor sugere que a raiz dessa prática de Jesus é a sua identificação com a espiritualidade e missão do “Servo do Senhor”, tão bem retratadas em Deutero-Isaías. Conclui insistindo que nisso se acha a característica dos discípulos-missionários/as do Senhor de hoje, que devem tornar visível o rosto misericordioso de Deus, especialmente aos pobres e pecadores, como insiste o Documento de Aparecida.*

**Palavras-chave:** Sacerdote. Misericórdia. Solidariedade. Servo. Discípulo.

### Abstract

*Firstly, this article analyses Hebrews as biblical text, in its authorship, literary form and content. It is the only document in the New Testament that mentions Jesus as priest and high priest. However these attributes from Jesus are always connected to his life before his glorification. Although other biblical texts emphasize the necessity of a priest to be pure and perfect, Hebrews moves forward when it describes Jesus as a “perfect and merciful” priest. This quality of mercy in Jesus’ life is firstly expressed in his solidarity with people, especially the suffering and sinners. The*

\* Assessor bíblico do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

*author suggests the source of this practice is Jesus' identification with the spirituality and mission of "Servant of Lord", so well portrayed in Deutero-Isaias. He concludes insisting that in this point we find the characteristic of the present missionary disciples of Lord, who should make God's merciful face visible, specially to the poor and sinner ones, as the Document of Aparecida insists.*

**Keywords:** Priest. Mercy. Solidarity. Servant. Disciple.

## 1. Introdução

Desde os primórdios da Igreja a Epístola aos Hebreus tem suscitado muitos debates e discussões. Essas divergências foram causadas por dúvidas sobre a sua autenticidade apostólica, a sua autoria, e também sobre alguns aspectos do seu conteúdo. Especialmente na Igreja Ocidental, os questionamentos sobre a sua autoria paulina levantaram dúvidas referentes ao seu valor enquanto escrito inspirado. O uso do texto por diversas seitas de ortodoxia duvidosa só aumentou as suspeitas. São Jerônimo, porém, não dava muita importância à questão da autoria paulina, porque, para ele, o fato que o texto era sempre aceito pelas Igrejas do Oriente como parte das Escrituras inspiradas era garantia suficiente.

Na verdade há motivos em abundância para duvidar da autoria de Paulo – com facilidade nota-se que o estilo, o vocabulário e até a maneira de conceber o mistério de Cristo são bem diferentes do que achamos nas Cartas autênticas de Paulo. Porém há muitos pontos de convergência com o pensamento paulino; por exemplo, a sua visão da Paixão com seu aspecto de obediência livre, a insuficiência da Lei da Antiga Aliança para a salvação, o aspecto sacerdotal e sacrificial da redenção, entre outros. Em geral se aceita hoje que o escrito foi composto por um companheiro de Paulo.

Quanto à identificação deste autor, torna-se uma tarefa quase impossível a ser elucidada. Na Antiguidade foram sugeridos nomes como Lucas, Clemente de Roma e Barnabé. Mas o mais plausível parece ser a sugestão de Martinho Lutero – o nome de Apolo, judeu com educação helenista, proveniente de Alexandria, conhecedor das Escrituras, homem eloquente, com certeza treinado em lógica e retórica (cf. At 18,24-28; 1Cor 3,6). Mas como não temos como comparar o texto com outros escritos comprovadamente de Apolo, a sugestão, embora plausível, fica como hipótese.

É muito difícil classificar Hebreus como obra escrita. Na verdade nada tem da natureza epistolar e é mais provável que seja um tipo de homilia – o autor mesmo o chama de “palavra de exortação” (Hb 13,22). A meta do autor é evitar o perigo de apostasia – um perigo real para os seus destinatários. É muito provável que esses destinatários da “homilia” ou “sermão” eram cristãos de origem judaica, cuja atitude diante dos sacrifícios do Antigo Testamento era vista pelo

autor como perigo à sua fé em Cristo. Há autores que propõem que o escrito fosse endereçado a sacerdotes judaicos convertidos ao cristianismo, entre os quais talvez alguns que antigamente pertenciam aos essênios, mas novamente isso fica também no nível de hipótese<sup>1</sup>.

Quanto à datação do escrito, podemos propor com certeza antes do ano 95, pois Clemente de Roma, escrevendo ao redor desse ano, o cita. As semelhanças com certos pontos da cristologia das epístolas paulinas do cativo sugerem uma data próxima à morte de Paulo. Como o texto fala da liturgia do Templo em Jerusalém como sendo realidade atual, talvez possamos optar por uma data nos anos que antecederam a destruição do Templo, acontecida em 70.

## 2. Jesus, Sumo Sacerdote Misericordioso e Fiel

O argumento central de todo o documento é fundamentado sobre o tema do papel de Jesus como Sumo Sacerdote. De fato, Hebreus é o único escrito do Novo Testamento que fala de Cristo usando os títulos de Sacerdote e Sumo Sacerdote. Com isso faz recordar alguns dos temas centrais de certas tradições do Antigo Testamento, ligadas ao culto: a questão dos sacrifícios e ritos e do santuário do Senhor.

Pode parecer estranha essa ótica de Hebreus, pois parece ter pouco ou nada a ver com Jesus e a sua missão. Soa até estranha aos nossos ouvidos a ênfase em recordar os ritos e rituais antigos, em geral os sacrifícios cruentos de animais. Mas, na verdade, o autor só fala desses aspectos para levar os seus leitores a ultrapassar a compreensão antiga dos cultos e sacrifícios. Entrando no assunto ele enfatiza muito a realidade da encarnação de Jesus: “Uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus também assumiu uma carne como a deles” (Hb 2,14). Nunca é demais a gente recordar esse fato fundante e fundamental da nossa fé cristã, com tudo que implica. Podemos lembrar a expressão magistral do Prólogo do Evangelho de João: “No começo a Palavra já existia... a Palavra estava voltada para Deus... e a Palavra era Deus... e a Palavra se fez carne e armou a sua tenda no meio de nós” (Jo 1,1.14). É muito importante examinarmos este termo “carne” usado não somente por João, mas também por Paulo e pelo autor de Hebreus na passagem acima citada. Quando esses textos usam a palavra “carne”, devemos lembrar que é a tradução portuguesa do termo grego “*sarx*”. Esse termo ultrapassa muito o simples aspecto corporal! Dizer que a Palavra (ou o Verbo, o “Logos”) se fez “carne” não é simplesmente afirmar que assumiu um corpo realmente humano. O conceito de “*sarx*” implica toda a realidade da humanidade, inclusive na sua fraqueza e vulnerabilidade. Não é somente

1. BOURKE, M.M. The Epistle to the Hebrews. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R. *The New Jerome Biblical Commentary*. London: Englewood Cliffs, 1991, p. 921.

que a Palavra tivesse um corpo igual a nós, mas que assumiu a nossa condição tornando-se “igual a nós em tudo menos o pecado”, como ensina o Concílio de Calcedônia. Para o autor de Hebreus o tipo de Sacerdote que Jesus é na sua glorificação é essencialmente ligado a essa verdade da Encarnação do Verbo de Deus. Na verdade, fora dos Evangelhos, Hebreus é o texto neotestamentário que mais importância dá à realidade terrestre de Jesus de Nazaré.

Diante do perigo real dos seus destinatários abandonarem a fé, Hebreus insiste muito na importância de voltarem em primeiro lugar à pessoa e vida de Jesus de Nazaré. Faz um convite urgente a todos: “Corram com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé” (Hb 12,1b-2a). Diante das vacilações dessa comunidade, insiste: “Para que vocês não se cansem e não percam o ânimo, pensem atentamente em Jesus, que suportou contra si tão grande hostilidade por parte dos pecadores” (Hb 12,3). Logo deve surgir à mente do leitor atual a indagação sobre “em que Jesus fixar os olhos, em que Jesus pensar atentamente?” Pois se apresentam tantas versões de Jesus hoje que frequentemente quase desaparece Jesus de Nazaré, de mão calejada e pés sujos de tanto andar pelas estradas poeirentas da Galileia, inserindo-se no meio das pessoas mais excluídas, para manifestar o rosto misericordioso e compassivo de Deus. Quantas vezes é apresentado um Jesus alienado e alienante, sem história, sem chão, sem opções concretas ou atitudes transformadoras e libertadoras? Por isso o próprio texto de Hebreus nos dá uma dica importante para que entendamos quem era Jesus, quando fala dele nesses termos: “Durante a sua vida na terra, Cristo fez orações e súplicas a Deus, em alta voz e com lágrimas, ao Deus que o podia salvar da morte. E Deus o escutou, porque Ele foi submisso. Embora sendo filho de Deus, aprendeu a ser obediente através dos seus sofrimentos. E, depois de perfeito, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos aqueles que lhe obedecem” (Hb 5,7-9).

Chama a atenção, nesse versículo, a escolha do verbo que o autor usa em relação a Jesus – que Ele “aprendeu” a ser obediente! Só aprendemos o que não sabíamos antes! Implica todo um processo histórico. Então Hebreus afirma com força que, embora fosse Filho, Jesus teve que fazer um processo de aprendizagem, para que fosse “obediente”. Esse termo também precisa ser aprofundado, pois é frequentemente usado de modo equivocado em nossa linguagem comum. Muitas vezes transmite a ideia de uma correlação de forças – um manda, outro “obedece”. O importante seria o poder que uma autoridade constituída tem, sem levar em conta o que é verdadeiramente correto. Na verdade o uso bíblico desse termo tem outras conotações. Nasce do latim “*ob-audire*”, do verbo que significa “ouvir”, ou seja, “aprender a ser obediente” significa fazer o processo de conseguir “ouvir” a voz, a vontade, do Pai, e colocá-la em prática. É também nesse sentido que o termo é usado por Paulo no seu hino cristológico na Carta aos Filipenses, quando exorta a comunidade a ter “os mesmos sentimentos de Cristo Jesus que... humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte

da cruz” (Fl 2,5.7). Tanto Paulo como o autor anônimo de Hebreus enfatiza a experiência comum de Jesus e de todos nós, no processo permanente da vivência da vontade do Pai.

No seu tratamento de Jesus como verdadeiro Sumo Sacerdote, Hebreus sempre o liga à sua experiência terrena antes da sua glorificação. Diante da tentação dos seus ouvintes a dar valor demais aos sacrifícios do Templo, dirigidos por um Sumo Sacerdote humano, o autor retrata as diferenças fundamentais entre qualquer sacerdote humano, por tão santo que seja pessoalmente, e o nosso verdadeiro Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Os Sumos Sacerdotes da Antiga Aliança também são pecadores como todos. “Todo sumo sacerdote, escolhido entre os homens, é constituído pelo bem dos homens nas coisas que se referem a Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Desse modo ele é capaz de sentir justa compaixão por aqueles que o ignoram e erram, porque também ele próprio está cercado de fraqueza; e por causa disso, ele deve oferecer sacrifícios, tanto pelos próprios pecados como pelos pecados do povo” (Hb 5,1-3).

A qualidade de Jesus como Sumo Sacerdote é de outro nível: “De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado como nós, em todas as coisas, menos no pecado. Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com plena confiança, a fim de alcançarmos misericórdia, encontrarmos graça e sermos ajudados no momento oportuno” (Hb 4,15-16). Como o sacerdote da Antiga Aliança funcionava como tipo de ligação entre Deus e o seu povo, Jesus Cristo, Filho de Deus e irmão nosso, agora glorificado, garante aos homens e mulheres pleno acesso junto a Deus, por causa da sua vida de fidelidade ao Pai, que o levou até a doação total de si na Paixão. Por isso Ele é realmente o verdadeiro sacerdote. Na visão de Hebreus, a morte e ressurreição de Cristo constituem um verdadeiro sacrifício, que ultrapassa e substitui todos os sacrifícios antigos, que na verdade não podiam efetuar a reconciliação das pessoas com Deus. A morte de Cristo é, pelo contrário, uma oblação pessoal perfeita: “Se ofereceu a Deus como vítima sem mancha! Ele purificará das obras da morte a nossa consciência, para que possamos servir a Deus vivo” (Hb 9,14); ela avassala o homem em sua integridade e o submete por inteiro à vontade de Deus: “A Lei, mesmo oferecendo sacrifícios contínuos... não tem poder de conduzir à perfeição aqueles que participam de tais sacrifícios... (mas) Cristo disse: “Tu não quiseste sacrifício e oferta. Em vez disso, tu me deste um corpo... depois acrescenta: ‘Eis-me aqui para fazer a tua vontade’. Desse modo, Cristo suprime o primeiro culto para estabelecer o segundo. É por causa dessa vontade que nós fomos santificados pela oferta do corpo de Jesus, realizada uma vez por todas” (cf. Hb 10,1-11)... e o introduziu na intimidade de Deus. Por sua morte Cristo se tornou sacerdote celeste: “Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro santuário; Ele entrou no próprio céu, a fim de apresentar-se diante de Deus em nosso favor” (Hb 9,24). Efetuou a purificação dos pecados e fundou uma aliança nova e eterna: “desse modo Ele é o mediador de uma nova aliança.

Morrendo, livrou-nos das faltas cometidas durante a primeira aliança, para que os chamados recebam a herança definitiva que foi prometida” (Hb 9,15)<sup>2</sup>.

Antes de focar a unicidade de Jesus como verdadeiro Sumo Sacerdote, o autor tece umas considerações fundamentais para que entendamos o assunto. Lembra-nos que toda a missão de Jesus se dirigia em favor do bem das pessoas humanas: “Ele não veio para ajudar os anjos, e sim para ajudar a descendência de Abraão” (Hb 2,15). Em seguida faz uma afirmação que ultrapassa em muito a visão tradicional das qualidades de um sacerdote: “Por isso, teve que ser semelhante em tudo aos seus irmãos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel em relação às coisas de Deus, a fim de expiar os pecados do povo. De fato, justamente porque foi colocado à prova e porque sofreu pessoalmente, Ele é capaz de vir em auxílio daqueles que estão sendo provados” (Hb 2,16-18).

Na estrutura da epístola, essa é a primeira vez que se menciona o papel de Jesus como Sumo Sacerdote. Ele é exemplo para os cristãos, e por isso o autor exorta: “Fixem bem a mente em Jesus, o apóstolo e sumo sacerdote da fé que nós professamos. Ele foi fiel a Deus, que lhe confiou esse cargo” (Hb 3,1-2). Usando o termo “fiel” para descrevê-lo, o autor segue uma tradição secular bíblica que exigia essa qualidade de qualquer sacerdote, como, por exemplo, no livro de Samuel, em um oráculo do Senhor ao sacerdote Eli: “Farei aparecer um sacerdote fiel, que fará o que eu quero e desejo” (1Sm 2,35). A declaração que o sacerdote também deve ser “misericordioso” é um avanço de Hebreus. Aqui, bem como em Hb 4,15 e 5,1-3 (veja citações acima) essa qualidade de misericórdia é vinculada à sua solidariedade com as pessoas humanas. Nenhum texto do Antigo Testamento tem essa ênfase. Deve ter nascido da reflexão profunda do autor sobre a vida, paixão e morte de Jesus. Ele escolhe o termo “misericordioso” como sendo aquele que melhor exprime o que Jesus foi durante sua vida inteira. Continua agora glorificado, “sumo sacerdote misericordioso e fiel” (Hb 2,17). Ele de fato é “o sumo sacerdote de quem tínhamos necessidade: santo, inocente sem mancha, diferente dos pecadores e elevado acima dos céus. Ele não precisa como os outros sumos sacerdotes oferecer diariamente sacrifícios, antes pelos próprios pecados, e depois pelos pecados do povo; porque Ele, oferecendo-se a si mesmo, fez isso uma vez por todas. A Lei constitui como sumos sacerdotes homens sujeitos à fraqueza humana; mas a palavra do juramento, que veio depois da Lei, constituiu o Filho, que é perfeito para sempre” (Hb 7,26-28).

### **3. Jesus, Servo e Sacerdote sempre Misericordioso**

Hebreus proclama que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo”(Hb 13,8). Ele é o Sumo Sacerdote glorificado e misericordioso, como

2. BÍBLIA. Português. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1995, p. 2.345.

também o Verbo encarnado foi misericordioso e compassivo. Atualmente fala-se muito pouco em tantas homilias e programas de rádio ou televisão deste Jesus misericordioso, que “andava por toda parte fazendo o bem” (At 10,38b), deixando-se “mover pela compaixão” (cf. Lc 7,13) diante do sofrimento das pessoas. Torna-se essencial recuperar a visão correta de Jesus, a partir da sua experiência de Deus, que o levou a ser essa presença concreta da misericórdia de Deus.

Os Evangelhos Sinóticos nos dão uma pista valiosa neste sentido nos relatos do batismo de Jesus. Podemos entender esse momento decisivo na sua vida como o momento de assumir a identidade e missão do Servo do Senhor, com tudo que isso implica, na tradição profética do II e III Isaías, como exemplo.

Mateus, escrevendo num ambiente de polêmica com as lideranças do judaísmo formativo do fim do primeiro século, muda a tradição original (Mc 1,9-11; Lc 3,21-22), onde as palavras do Pai se dirigiam a Jesus, para dirigi-las aos ouvintes: “*Este é o meu Filho muito amado, aquele que me aprovou escolher*” (v. 17). Estas palavras associam a terminologia do Sl 2,7, que repete a profecia de Natã em 2Sm 7,14 (“*tu és meu filho...*”) a Is 42,1 (“*meu bem-amado que me aprovou escolher*”). A passagem de Isaías apresenta o Servo como quem não levanta a voz (Is 42,2), nem vacila, nem é quebrantado (Is 42,4). É importante notar que o texto hebraico usa um termo que significa “servo” (*‘ebed*) e não “filho”, e que a tradução grega da Septuaginta, que Mateus muitas vezes cita, usou o termo grego “*pais*” às vezes para traduzir “servo”, mas também “filho”. Fazendo fusão desses textos do Antigo Testamento, Mateus une em Jesus duas figuras proféticas – do Filho da descendência real davídica e a do Servo do Senhor. Assim prevê que o messianismo de Jesus implica a vocação do Servo e rejeita pretensões messiânicas triunfalistas, para apresentar um Messias fundamentalmente marcado pela compaixão e misericórdia, solidário com as pessoas, especialmente as mais fragilizadas. O assumir público da sua missão como Servo do Senhor Deus é confirmado pela voz do céu. O Pai confirma que reconhece Jesus, desde o início do seu ministério público, como seu Filho (Sl 2,7), seu Bem-Amado, objeto da sua predileção, seu Servo<sup>3</sup>.

Em nossa cultura, quase automaticamente existe certa rejeição, quando não revolta, diante do termo “servo”, devido à nossa história de escravidão. Isso não deve transferir-se para as páginas da Bíblia, pois vale a pena tentar entender como seria a reação de um judeu piedoso do primeiro século diante do termo “Servo do Senhor” – não teria nada de rejeição, mas, ao contrário, seria entendido como título do mais alto louvor. Ao ouvir esse termo, com certeza o ouvinte recordaria muitos trechos do que é o nosso Antigo Testamento, especialmente – mas não exclusivamente – o que nós costumamos chamar “Os Quatro Cantos do Servo de Javé” do profeta Dêutero-Isaías. Esses textos – muito usados na Igreja Cristã durante a

3. BOURKE, *The Epistle to the Hebrews*, p. 638.

Semana Santa – se encontram em Is 42,1-9; 49,1-9a; 50,5-11 e 52,13–53,12. Os primeiros cristãos releeram esses textos à luz da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, dando-lhes “pleno cumprimento”; ou seja, achando neles um sentido mais profundo quando lidos à luz do mistério de Jesus, o verdadeiro “Servo do Senhor”. Para que entendamos melhor as atitudes, ações e ensinamentos de Jesus, torna-se imprescindível conhecer e aprofundar esses textos veterotestamentários. Como discípulos-missionários/as de Jesus, achamos neles muitas frases que nos ajudam a entender melhor a verdadeira atitude de Jesus, suas opções concretas, sua vivência de misericórdia. Em consequência, a entender também a nossa identidade, espiritualidade e missão hoje, como seguidores e seguidoras de Jesus, o Servo do Senhor por excelência, o qual por isso é proclamado “sacerdote fiel e misericordioso” na glorificação, segundo as palavras de Hebreus.

#### **4. A Misericórdia em Ação: “Não quebrará a cana que está rachada.” (Is 42,3)**

O primeiro Canto do Servo inicia-se lembrando que foi Deus que chamou o Servo e que Deus o sustenta sempre, achando nele o seu agrado e enviando-lhe o seu Espírito. Como já vimos, os Sinóticos fazem releitura dessas ideias na cena do batismo de Jesus. Nas nossas vidas, torna-se urgente reler os mesmos versículos à luz da nossa vivência cristã. Precisamos ter certeza de que Deus chamou a cada um de nós e desde o nosso batismo nos tornou os seus servos e servas amados. Talvez tenhamos certo receio diante dessa afirmação, conscientes como somos das nossas fraquezas e condição de pecadores. Isso porque inconscientemente, talvez por causa de uma catequese um tanto moralista, achamo-nos indignos do amor de Deus, pois carregamos dentro de nós a convicção de que o amor de Deus tem que ser “merecido”, e que não é algo incondicional e gratuito, como nos ensinam as Escrituras. Paulo teve clareza sobre isso quando escreveu: “Carregamos esse tesouro em vasos de argila” (2Cor 4,7). E vaso de argila trinca e quebra com facilidade. Mas é bom lembrar que, se temos o tesouro da nossa fé e missão em vasos de argila, é porque Deus assim o quis. Ele poderia ter escolhido “vasos de aço inoxidável” que não quebram. Mas Deus não trabalha com aço, duro e inflexível, mas com argila, que Ele molda através da ação do seu Espírito.

Este Primeiro Canto também enfatiza que o dom do Espírito não é para uma consolação pessoal, mas em função da missão, a serviço do povo, não de uma maneira dominadora, vencendo pela força, imposição e até violência: “*Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça*” (Is 42,2). O Servo será sempre presença compassiva, misericordiosa e animadora, pois “*não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar*” (Is 42,3). Quantas vezes pessoas nessas condições de “canas rachadas” e “pavios que só fumegam” procuram força, consolo e compaixão nas comunidades das Igrejas, só para encontrar condenação, moralismo, rejeição e incompreen-



são, que acabam apagando de vez a chama da sua fé. Quando Jesus caminhava pelas estradas da Palestina, se colocava sempre entre pessoas nessas condições, excluídas pela sociedade dominante e pela religião oficial que frequentemente marginalizava os considerados “impuros”, para reanimá-los e reerguê-los, demonstrando a presença de um Deus de compaixão e misericórdia, perdão incondicional e amor gratuito. Assim é o Pai, assim era Jesus o Servo, assim é Jesus o Sumo Sacerdote fiel e misericordioso e assim tem que ser a Igreja e todos os cristãos hoje. Recuperando a profundidade da espiritualidade e missão de Jesus como Servo de Senhor, veremos que a misericórdia é da essência da sua vida. Hebreus recorda-nos que este Jesus misericordioso e compassivo continua presente hoje, como o Sumo Sacerdote glorificado, misericordioso e fiel. Ele é misericordioso hoje, pois era assim ontem, na sua vida terrena vivendo a identidade do Servo, e sempre será.

### 5. Discípulos-Missionários do Senhor hoje

O Documento de Aparecida relembra a todos os cristãos que: “O discípulo-missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para os pobres e pecadores” (DA 147). Por isso, “fixemos os olhos em Jesus” (Hb 12,1-2), para que “não cansemos e não percamos o ânimo” (Hb 12,3). Em Jesus que “embora sendo Filho, aprendeu obediência pelos seus sofrimentos” (Hb 5,8) e continua intercedendo por nós como “sacerdote misericordioso e fiel” (Hb 2,17).

### Bibliografia

BÍBLIA. Português. Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1995.

BOURKE, M.M. The Epistle to the Hebrews. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R. *The New Jerome Biblical Commentary*. London: Englewood Cliffs, 1991.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007.

*Tomaz Hughes*

R. Baltazar Carrasco dos Reis, 887 – Rebouças  
80215-160 Curitiba, PR  
thughessvd@yahoo.com.br